

## NOVAS DINÂMICAS INTERNACIONAIS E A FORMAÇÃO DE UM NOVO BLOCO DE PODER CENTRADO NA CHINA

*Rafael Willian Senger*

*Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)*

[rafaelsenger357@hotmail.com](mailto:rafaelsenger357@hotmail.com)

*Eixo 7: Ciências Humanas*

**Resumo:** O século XXI tem passado por intensas mudanças no cenário global, as quais tem se ampliado a medida em que a tecnologia permeia com efusividade os sistemas produtivos e a forma como os países se apropriam destes processos. Desta forma, o objetivo central deste trabalho reside em analisar características atuais da Divisão Internacional do Trabalho a partir da inserção de países emergentes com maior protagonismo, em especial a China, o que tem contribuído para a formação de um novo bloco de poder global. O trabalho resulta de uma organização metodológica centrada na investigação teórica-bibliográfica multidisciplinar, que pretende analisar fenômenos geopolíticos e econômicos de escala global, a fim de construir argumentações que demonstrem rupturas recentes nas dinâmicas de acumulação global. Por fim, entende-se que as dinâmicas internacionais contemporâneas têm sido alteradas pelo papel desempenhado por novos atores, em especial os países emergentes e a China, as quais tem dado nova face a ordem de poder econômica global.

**Palavras-chave:** Divisão Internacional do Trabalho. Países Emergentes. China.

### Aspectos introdutórios e percursos metodológicos da pesquisa

O presente trabalho trata de considerações a respeito das atuais dinâmicas observadas no cenário internacional, centradas na figura de países que têm emergido como potências econômicas e tem promovido mudanças na ordem global e em determinadas características da Divisão Internacional do Trabalho (DIT). O caminho metodológico do trabalho consta em uma investigação teórica-bibliográfica multidisciplinar, de cunho exploratório, a respeito das características contemporâneas da DIT, partindo do entendimento de que determinados países e seus respectivos regimes de acumulação tem promovido significativas rupturas nos balanços de poder, em especial às estratégias da China.

A pesquisa visa apontar elementos que corroborem na reflexão das dinâmicas internacionais contemporâneas, marcadas pelo movimento intenso de novos atores globais, com grande predominância dos países emergentes. Desta forma, a metodologia adotada, de investigação teórica sobre a divisão internacional do trabalho, sobre o comércio internacional e a presença da China através de suas políticas e iniciativas territoriais externas, permite

refletir sobre o surgimento de novas formações econômico-espaciais antagônicas à hegemonia global norte-americana, tem criado condições para a construção de novos blocos de poder.

Cabe ressaltar, que a produção do trabalho é resultado da bolsa de pesquisa proveniente do Programa UNIEDU/FUMDES Pós-Graduação, do Governo do Estado de Santa Catarina, além de ser resultado da pesquisa de elaboração de dissertação, ainda em desenvolvimento, no Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGGeo) da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS).

### **Breves discussões e resultados encontrados acerca das dinâmicas territoriais do mercado internacional e a ascensão da China**

A especialização das atividades econômicas entre distintos países do mundo é uma característica performática que data da expansão mundial do capitalismo comercial durante o colonialismo e que estabeleceu processos que ainda hoje interfere nas dinâmicas internas dos países. A análise espacial que implica numa interpretação geográfica da divisão do trabalho, pode ser entendida nas palavras de Santos (2006, p. 129) como “[...] um motor da vida social e da diferenciação espacial”. Entende-se aqui a divisão internacional do trabalho como parte resultante da divisão espacial do trabalho.

A condição primeira e inerente à divisão internacional do trabalho está centrada na forma desigual como os sujeitos globais interagem entre si, em redes e fluxos materiais e informacionais que no seu cerne expressam inúmeras contradições do modo de produção e acumulação capitalista. Desta condição territorial da produção, onde os agentes globais territorializam o poder em espaços determinados e fazem do uso do território de outros países e regiões sua representação/expressão de poder, emergem formas distintas de governabilidade. A centralidade em torno do poder acumulado pelos Estados Unidos e Europa durante o século XX, resultou na construção de uma ordem mundial hegemônica, onde os territórios nacionais e suas respectivas dinâmicas passaram a ser incorporados pela prevalência e predomínio de relações de trabalho e produção favoráveis ao regime dos países considerados centrais, países onde o capitalismo industrial havia se desenvolvido internamente a ponto de criar condições para sua ampla expansão.

Contudo, nas últimas décadas, é possível perceber a ascensão de novas realidades econômico-sociais de escala global, especialmente em relação aos chamados países emergentes e suas formas de governança, que passaram a apontar em direção ao reequilíbrio de forças nos planos econômico e político da ordem mundial. O significativo crescimento de economias de países como China, Índia e Brasil são exemplo disso, visto que possuem grandes extensões territoriais, grande oferta de mão de obra, vastos mercados consumidores,

abundância em recursos naturais, entre outros ativos e recursos (SILVEIRA, 2011), que impulsionam e deram corpo às suas aspirações no cenário internacional. Jabbour e Gabriele (2021) apresentam a seguinte consideração a respeito do capitalismo e do surgimento de novas realidades econômico-sociais:

Como resultado do desenvolvimento desigual e não linear dos processos históricos, o mundo contemporâneo é caracterizado pela existência de múltiplos Estados nacionais e várias formas de cooperação e rivalidade entre eles. No entanto, apesar das restrições inevitáveis, mas em evolução, impostas pelo atual contexto global, no qual as relações comerciais e financeiras são predominantemente baseadas no mercado, sistemas econômico-sociais e articulações superestruturais significativamente diferentes estão se desenvolvendo em vários países (Jabbour; Gabriele, 2021, p. 29).

Entende-se que por mais que o cenário político-econômico contemporâneo apresente mudanças importantes, os países de industrialização pioneira ainda desfrutam de posições vantajosas. A Ordem Internacional, contudo, tem sofrido intensas transformações e novos sujeitos têm interagido com maior sustância, especialmente nas últimas duas décadas. Stuenkel (2017) discute em seus estudos o papel desempenhado pelo grupo BRICS<sup>1</sup> nessas transformações, no que chamou de uma “uma imensa transferência de poder, dos Estados Unidos e Europa, para potências emergentes como China, Índia e Brasil”. Ainda, segundo o autor, “essa mudança foi ocorrendo com rapidez, deixando o mundo menos ocidentalizado e mais ideologicamente diversificado” (Stuenkel, 2017, p. 21).

Nesta mesma linha, Silva e Furtado (2016, p. 2) entendem que

A construção do bloco econômico BRICS, formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul, se insere na reorganização das forças políticas que rompem barreiras geográficas, e criam condições preliminares de ordenamento para um novo regime. Este agrupamento de países é portador, tanto da insatisfação de economias emergentes com a atual configuração da governança global, quanto um dos responsáveis pela reação ao status quo mantido pelos países que apoiam a continuação do regime internacional vigente, e que mostra sinais de esgotamento.

Magalhães (2011) analisa as funções que determinados países emergentes, em especial o BRICS, têm desempenhado como novos globalizadores, protagonizando “papéis tradicionalmente desempenhados pelos países desenvolvidos”. O avanço da globalização e a noção de país globalizador, segundo o autor, “depende da atuação de países que lideram o desenvolvimento e a difusão de tecnologias, constituem redes globais e determinam a direção dos fluxos transnacionais” (MAGALHÃES, 2011, p. 83).

Os países emergentes construíram condições políticas e econômicas em seus respectivos territórios (muito diferentes entre si e cercados de contradições) que possibilitaram o desenvolvimento de parques industriais significativos, alguns deles com considerável tecnologia, que passaram a diferenciá-los de outros países do Sul. Os setores agrícola e minerador, por exemplo, passaram de 77% das exportações dos países em

<sup>1</sup> Grupo de países emergentes formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul.

desenvolvimento em 1973, para 36% em 1995, ao passo que nesse mesmo período, as exportações industriais desses países passaram de 22% para 62% (MAGALHÃES, 2011).

Há, desta forma, novas realidades na DIT, liderada por novas alianças e formas de cooperação entre países do Sul Global, que figuram como novos globalizadores com ampla influência em regiões circundantes. Entende-se, desta forma, que as interações no eixo Sul-Sul têm se fortalecido desde a virada do século, especialmente na figura de determinados países emergentes, que desenvolvem estratégias voltadas ao fortalecimento das instituições multilaterais e buscam alterar o balanço de poder ao seu favor, construindo alternativas à concentração hegemônica de poder no mundo através da exploração de suas vulnerabilidades e trabalhando na construção de um novo bloco de poder.

As relações Sul-Sul se configuram como uma estratégia dos países emergentes tanto para estabilizar quanto para reformar o sistema internacional. Esta estratégia de fortalecimento do eixo Sul-Sul não se limita apenas a uma mudança de orientação diplomática de China, Índia, Brasil e África do Sul. Para além disso, é parte de uma realidade que reflete um aumento lento e gradual do peso demográfico, político e econômico dos países periféricos em âmbito mundial. E, mais do que buscar novas oportunidades econômicas, trata, sim, de lançar as bases para um mundo que experimenta notável reequilíbrio, tornando-se mais complexo e multipolar (PAUTASSO, 2011, p. 54).

Os países emergentes têm ganhado destaque no âmbito econômico pela participação nas recentes dinâmicas da DIT (produção mundial, comércio exterior, reservas financeiras, relações diplomáticas, entre outros) visto a progressiva ampliação de suas capacidades internas (asseguradas suas diversas contradições e limitações) que elevaram a participação da sua produção no PIB mundial de 30,7% em 1990, para 48,6% em 2011. Para Pautasso (2011, p. 55)

Isso reflete o fato de que os países emergentes têm liderado o crescimento da economia mundial e afetado profundamente a dinâmica do comércio internacional e dos investimentos, apesar da diferença de modelos de desenvolvimento e de desempenho, cujo destaque evidente tem sido a China.

O que chama atenção no atual cenário geopolítico internacional, não é apenas a intensa relevância das economias emergentes, mas o fato delas interagirem com mais contundência entre si, numa cooperação Sul-Sul que tem ampliado a interdependência entre essas economias e formado um significativo bloco de influência regional e global. Em duas décadas, de 1990 a 2010, o percentual do comércio da China com países periféricos/emergentes passou de 15% para 32%; o do Brasil de 28% para 51%, da África do Sul de 12% para 45%; e o da Índia de 25% para 57%.

Na esteira do comércio internacional, a adaptação e incorporação dos territórios às demandas globais, cada vez mais tem alterado a dinâmica econômica regional. Portanto, ao se tratar da China, os olhares se voltam para a grande iniciativa One Belt, One Road (OBOR) ou

Um Cinturão, uma Rota, como o principal projeto chinês em escala internacional, que correlaciona um amplo conjunto de estratégias de cooperação entre países de diferentes continentes.

A iniciativa OBOR surge como ponto central das novas dinâmicas econômicas globais, centrada numa visão geopolítica e geoeconômica estratégica de facilitação do escoamento comercial chinês através da construção de novas infraestruturas e, principalmente, da formação de núcleos diplomáticos com importantes países do mundo, em especial a integração da África, Ásia e Europa. Gomes *et al.* (2019, p. 29) destacam que “a iniciativa chinesa possui grande potencial transformativo das relações geopolíticas estabelecidas a nível global, regional e sub-regional.” Essa afirmação se solidifica quando da percepção de que o protagonismo chinês tem se ampliado em larga escala nos últimos anos, num circuito produtivo global do qual o país ganha *status* de protagonista central. Para Jabbour e Dantas (2021) a República Popular da China (RPC) construiu internamente uma imensa base produtiva de alta intensidade tecnológica e incorporada à economia internacional mais sofisticada, como o 5G, Big Data e a inteligência artificial, o que elevou a capacidade de planificação, controle e planejamento do Estado sobre o território e, também, permite a rápida expansão de capital chinês pelo mundo. Ou seja, o regime de acumulação chinês, atrelado a uma dinâmica performance internacional, tem criado novos polos de poder pelo mundo, descentralizados da hegemonia ainda existente dos EUA e da Europa.

### **Considerações Finais**

O aumento do comércio entre os países emergentes nas últimas décadas, aponta para a construção de novos fluxos econômicos e de centralização geopolítica em novos eixos. Isso se deve, em grande parte, pelo fato de: os países centrais terem ampliado as políticas de protecionismo econômico, enfrentando uma queda na dinamicidade de suas economias internas; os países emergentes terem sido favorecidos pela ampla valorização das commodities, além do aprofundamento dos processos de integração regional entre países na Ásia, América Latina e África, contando com imensos aportes da China.

Neste contexto, a China se apresenta como carro-chefe das mudanças, desenvolvendo novos regimes de acumulação internos e estabelecendo novas práticas no cenário internacional, que têm conturbado as estruturas de poder. Entende-se que esse processo, muito complexo e em pleno desenvolvimento, pode representar o surgimento de novas realidades-mundo, nas quais os países emergentes aumentem seu protagonismo e possam desenvolver de forma autônoma suas economias internas. A China tem se apresentado como grande parceiro econômico de muitos países e tem promovido um amplo conjunto de políticas a nível global,

como é possível se observar com a iniciativa One Belt One Road. Essa realidade tem provocado rápidas mudanças e deve ser observada com cuidado e com a devida atenção pelo Brasil nos próximos anos.

### **Agradecimentos**

Agradeço o financiamento desta pesquisa através do Programa UNIEDU/FUMDES Pós-Graduação, do Governo do Estado de Santa Catarina.

### **Referências**

BRUNO, Flávio Marcelo Rodrigues; RIBEIRO, Marilda Rosado de Sá. ONE BELT, ONE ROAD: novas interfaces entre o comércio e os investimentos internacionais. **Revista de Direito Internacional**. v. 2, n. 2, p. 193 - 213. Acesso em 12 jun. 2023.

GOMES, Brenda de Cassia Silva; CASTAGNA, Leonardo, Miglioranza; BRUM, Samuel Francisco da Silveira. Política Externa Da China: Implicações Estratégicas e Geopolíticas Da Iniciativa “One Belt, One Road”. **Revista Perspectiva: reflexões sobre a temática internacional**, [S. l.], v. 12, n. 22, 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/RevistaPerspectiva/article/view/87186>. Acesso em: 20 jul. 2023.

JABBOUR, Elias; DANTAS, Alexis. **China Contemporânea: seis interpretações**. 1 ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2021.

JABBOUR, Elias; GABRIELE, Alberto. **China: o Socialismo do Século XXI**. 1. ed. Editora Boitempo. São Paulo, novembro de 2021.

MAGALHÃES, Diego T. D. Globalizadores do século XXI: países emergentes e a globalização Sul-Sul. **Revista Conjuntura Austral** | ISSN: 2178-8839 | Vol. 2, nº. 8 | Out.Nov 2011. Acesso em 14 jun. 2023.

PAUTASSO, Diego. O fortalecimento das relações Sul-Sul: estratégia e realidade para os países emergentes. **Revista Conjuntura Austral** | ISSN: 2178-8839 | Vol. 2, nº. 8 | Out.Nov 2011. Acesso em 14 jun. 2023.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SILVA, Darly H; FURTADO, Natan, M. **Os BRICS e a Nova Divisão Internacional do Trabalho liderada pela Inovação**. Abril, 2016.

SILVA, Leandro Henrique. **A dinâmica da divisão internacional e territorial do trabalho: o exemplo de São Bernardo do Campo - SP**. Universidade de São Paulo. Programa de pós-graduação em Geografia Humana. São Paulo, 2012.

SILVEIRA, Maria Laura. Território Usado: Dinâmicas de Especialização, Dinâmicas de Diversidade. **Revista Ciência Geográfica** - Bauru - XV - Vol. XV - (1): Janeiro/Dezembro - 2011. Acesso em 25 mai. 2023.